

# Trump: hostilidade crescente

Em forma e substância, a agressividade do presidente americano Donald Trump para com o México se acentua dia após dia. A ordem executiva para iniciar a construção de um muro ao longo de toda a fronteira comum e a insistência em que seja o nosso país a pagar os custos dessa obra, não só ratificam o chauvinismo grotesco e a hostilidade do magnata de Nova Iorque, como também subscrevem as suas maneiras rudes e a arrogância que, infelizmente, caracterizarão a Casa Branca nos próximos quatro anos.

De fato, a decisão -anunciada em um tweet no momento em que os secretários de Relações Exteriores e Economia do México, Luis Videgaray e Alfonso Guajardo, estavam voando para Washington para acordar as modalidades da relação bilateral- e assinada durante a permanência nessa capital de ambos funcionários, não só constitui um novo dano a nossa nação, às regras da convivência internacional, às formas diplomáticas e aos interesses econômicos de ambos países, como também augura a continuidade de um comportamento unilateral e arrogante, a menos que se detenha.

Nestas circunstâncias, quando o poder político máximo do país vizinho multiplica as suas mensagens de ruptura para com o Governo mexicano, é surpreendente que este não tenha estado presente com uma delegação de alto nível na cúpula da Comunidade de Estados da América Latina e Caraíbas, que está a ter lugar na República Dominicana, em que foram formuladas expressões de rejeição ao protecionismo e ao unilateralismo das novas autoridades norte-americanas, e que, se o presidente Enrique Peña Nieto não pôde comparecer por motivos de agenda, como noticiou oficialmente, pelo menos o chanceler Videgaray, que viajou a Washington para testemunhar a ladainha anti-méxico, não foi enviado para lá.

A resposta de Peña aos gestos hostis de Trump, embora positiva

em sua preocupação com as circunstâncias dos milhões de mexicanos que vivem e trabalham nos Estados Unidos, parece insuficiente para lidar com o vôlei. Note-se que o México dispõe de vários instrumentos jurídicos, diplomáticos, econômicos e migratórios para defender não só os seus cidadãos migrantes, mas também a sua soberania e economia. Se Trump insiste em ignorar os acordos bilaterais e trilaterais, as autoridades nacionais podem fazer o mesmo e dissociar-se dos múltiplos compromissos assumidos com Washington.

É importante considerar que se a firmeza requerida não for atendida, a representação mexicana chegará a uma situação de extrema debilidade na renegociação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) ou, como se pode esperar realisticamente, a uma reformulação atenuada e diminuta desse instrumento regional que o governo Trump deseja reformular em termos ainda mais desvantajosos para o México do que já são.

É fundamental considerar que o projeto histórico de integração econômica subordinado aos Estados Unidos, inaugurado há três décadas com a entrada do México no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), desembarcado em 1994 com a assinatura do NAFTA e desde então aplicado à letra por sucessivos governos, ficou sem apoio ou fundamento, e que é essencial e urgente desenhar um novo horizonte de desenvolvimento nacional. Enquanto não houver ação nesse sentido – e o tempo para isso está se esgotando rapidamente – não será possível formular uma estratégia coerente para enfrentar a hostilidade, a rudeza e a arrogância do governo vizinho.

Original: [LA JORNADA](#)